

DEFINIÇÃO DE ARTE DA GUERRA

Antoine-Henri Jomini

A Arte da Guerra, tal como geralmente a concebemos, divide-se em cinco ramos puramente militares; a Estratégia, a Grande Tática, a Logística, a Arte dos Engenheiros e a Tática Elementar. Mas constitui uma parte essencial duma ciência que, até ao presente, temos erradamente posto de parte – a Política da Guerra. Embora esta tenha mais que ver com a ciência do homem de Estado do que com a do guerreiro, desde que optámos pela separação entre a toga e a espada, não podemos, de qualquer modo, deixar de reconhecer que, se é inútil para um general subalterno, se torna indispensável para qualquer comandante-chefe de um exército. Entra em todas as conjecturas que podem determinar uma guerra e nas daquelas operações que poderíamos ter de levar a cabo. Por conseguinte, faz parte, necessariamente, da ciência de que estamos a tratar.

Depois destas considerações, parece que podemos afirmar que a Arte da Guerra abrange, realmente, seis partes bem distintas.

A primeira é a Política da Guerra.

A segunda é a Estratégia ou arte de bem conduzir as massas no teatro da guerra, seja para a invasão de um país ou para a defesa do próprio.

A terceira é a Grande Tática das batalhas e dos combates.

A quarta é a Logística ou a aplicação prática da arte de movimentar os exércitos.

A quinta é a Arte dos Engenheiros, isto é, o ataque e a defesa das fortalezas.

A sexta é a Tática Elementar.

Podíamos, mesmo, acrescentar a estas a filosofia ou a parte moral da guerra, mas parece ser mais conveniente tratá-la no mesmo compartimento da política.

Propomo-nos analisar as principais combinações das quatro primeiras partes, não sendo de todo nosso objectivo tratar da Tática Elementar nem da Arte dos Engenheiros, que constituem uma ciência separada.

Para se ser um bom oficial de infantaria, de cavalaria e de artilharia é inútil possuir de todas estas partes um conhecimento igualmente completo, mas para chegar ao generalato, ou para ser um distinto oficial de estado-maior, este conhecimento torna-se indispensável. Felizes daqueles que o possuem e dos governos que os sabem colocar nas devidas funções.



Da obra

Tradução de David Martelo